



ARALDI, Clademir. **Nietzsche: do niilismo ao naturalismo na moral**. Pelotas: NEPFIL online, 2013.

Sdnei Almeida Pestano

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: sdnei_pestano@yahoo.com.br

O objetivo desta resenha é apresentar em linhas gerais a argumentação da obra *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo na moral* de Clademir Araldi. O texto está dividido em seis capítulos, dos quais 4 foram publicados anteriormente na forma de artigo e dois são inéditos. Sua tese principal afirma a possibilidade de se abrir uma nova senda no horizonte da filosofia de Nietzsche, marcada pelos abismos do niilismo, quando naturalizamos a genealogia de Nietzsche. É interessante reparar que o título da obra enfatiza o sentido de “em direção a” e, com isso, indaga-se: seria a genealogia naturalizada uma resposta ao niilismo? Veremos essa questão mais adiante. Importa-nos agora nesta introdução destacar que o autor da obra trabalha com a questão do niilismo e pessimismo há mais de vinte anos. Isso se torna um dado intrigante, na medida em que autor da obra aqui apresentada nos indica para uma resposta diferente da que podemos observar no seu livro *Niilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*, publicado em 2004. Após a breve apresentação da obra, levaremos a discussão para esse âmbito a fim de ressaltar um dos

pontos que entendemos como mais instigante na obra, a saber, a audácia crítica com que o comentador se coloca diante dos textos de Nietzsche. Indagando *a partir da* filosofia nietzschiana, Clademir Araldi fornece ao cenário dos estudos Nietzsche no Brasil uma obra erudita e atual.

No primeiro capítulo da obra, o comentador traz “à baila” a relação Nietzsche-Schopenhauer. Trata-se de comparar ambas as posições diante de uma visão da vida devastadora. Schopenhauer resguarda-se a “grande recusa” e através dela a vida e as paixões humanas são desvalorizadas e mesmo condenadas em prol de uma resposta aos “tormentos infindáveis” do mundo. Em contrapartida, Nietzsche, desde sua juventude, nunca aceita essa resposta do autor de “O mundo como vontade e representação”. O jovem Nietzsche responde através das noções de conhecimento e arte trágica e, mesmo em sua fase madura, procura uma resposta afirmativa para o diagnóstico do niilismo e pessimismo.

No capítulo denominado “O niilismo e a consumação da modernidade”, a exposição está centrada na modernidade, apresentada como doente por sua “tendência a desagregação”, na qual o homem “digere acontecimentos reagindo apenas”. O niilismo é apresentado como uma marca da decadência fisiológica. A época moderna é a marca do niilismo incompleto. É vital, como resposta a desagregação, perceber “a ruína dos valores morais”. Mas isso não garante a superação do niilismo, pois o indivíduo pode perceber tal situação e, mesmo assim, ocorrer o esgotamento do poder. Para que seja possível o “empreendimento” é necessário a intensificação do poder diante da visão dos valores morais rechaçados. Somente assim o niilismo pode ser levado ao seu extremo. Apenas aos mais fortes tal possibilidade é cogitada, sendo a partir daí que surgem os problemas. A esperança está calcada na consumação da modernidade, porém, como efetuar essa consumação, se os mais fortes estão inseridos no contexto da modernidade? Segundo Araldi, Nietzsche não deixa clara a passagem da decadência fisiopsicológica aos valores naturalizados, o que resulta em uma resposta incompleta “ao problema do niilismo na modernidade”. Neste contexto a genealogia trabalha apenas no registro do diagnóstico.

O terceiro capítulo da obra, “O niilismo e o nosso tempo” rompe com o trabalho de um comentador de Nietzsche em sentido estrito e lança-nos à pergunta: nossa época é ainda niilista? Caso a resposta seja afirmativa, como seria possível encontrar uma saída para a falta de sentido e crise dos valores? A pesquisa dirige-se aqui para os estudos de Hermann Rausching,

Ernst Jünger e Martin Heidegger. A dificuldade apresentada é: como conciliar a vontade de criação com a vontade de destruição e ainda gerar “experiências construtivas”. Após a Segunda Guerra Mundial e levando em consideração o modo como a técnica é conduzida, constata-se que “vivemos no tempo do niilismo” e o que vemos são suas “máscaras e metamorfoses”.

No capítulo, “As paixões transmutadas em virtudes. Acerca de um dilema no pensamento de ético de Nietzsche”, o autor apresenta o percurso que segue da coerção no meio coletivo, seguindo-se do costume, o qual gera o prazer nas ações e, assim, o sentimento moral até chegar à moral. O dilema sugerido refere-se à noção de espiritualização dos impulsos, pois ela é um resultado das qualidades morais e necessita dos “elementos degradantes da moral” querendo, ao mesmo tempo, “assegurar a intensidade das paixões nas virtudes do nobre”.

No quinto capítulo: “A vontade de poder e a naturalização da moral”, Araldi se contrapõe a interpretação de Brian Leiter, o qual possui uma interpretação reducionista da vontade de poder. Esse capítulo visa revitalizar a importância desse conceito, elucidando primeiramente a discussão Müller-Lauter/Heidegger e reconstruindo, apoiado pela interpretação de Mazzino Montinari, o contexto de elaboração da obra *Para além de bem e mal* e os projetos para a obra *A vontade de poder*. Na medida em que Nietzsche afirma o caráter interpretativo da vontade de poder e que ela é toda força do mundo natural, a moralidade é vista como uma consequência de sua dinâmica.

A conclusão que o comentador chega é que “na construção da ‘História natural da moral’, no antagonismo dos tipos nobre e fraco, a vontade de poder revela-se como um componente normativo, implícito no conceito de vida”. No que se refere a moralidade, as interpretações humanas fornecem valor ao mundo e como consequência só se poderia falar de naturalizar a moral com a “humanização da natureza”. Em tal projeto, as valorações do tipo forte expressam a ‘essência’ pulsional da natureza. A naturalização da moral é possível através da configuração desse tipo que mantém os instintos básicos, mas que é capaz de espiritualizá-los. O critério é a vida ascendente e, por sua vez a própria vontade de poder, em sua dinâmica avaliativa. Araldi reconhece o caráter incipiente do projeto de naturalização da moral e os problemas que surgem ao vinculá-lo ao conceito de vontade de poder. Segundo ele Nietzsche é tendencioso não apenas ao elencar a vida ascendente como critério normativo, o qual não pode ser avaliado, como também ao caracterizar os tipos no aforismo 260 de *Bem e mal*. Apesar das

críticas, o conceito de vontade de poder permanece necessário para pensar a naturalização da moral e, assim, é possível garantir a sua importância e o seu vínculo com o projeto de naturalização da moral.

O último capítulo apresenta no título a pergunta: “A genealogia de Nietzsche é especulativa?” A qual pode ser modificada da seguinte maneira: as provas e os recursos empregados na genealogia efetuada por Nietzsche são oriundos das ciências? Eles possuem características totalmente empíricas? O comentador defende que por mais que Nietzsche fomenta a relação entre a ciência e genealogia, ele ainda não efetiva essa conexão em muitos aspectos e deixa a desejar no que se refere à base empírica de suas hipóteses, trata-se, portanto, de uma genealogia especulativa.

O vínculo entre vontade de poder e fisiologia é importante, porque “Nietzsche atribui causas fisiológicas para o surgimento dos valores morais”. É neste ponto que está a continuidade de métodos com as ciências e onde pode ser observado com mais força o naturalismo de Nietzsche. Sendo assim os valores naturalizados são derivados da fisiologia. Todavia Nietzsche não trabalha com dados empíricos, além de não fornecer elementos suficientes para comprovar suas hipóteses. Sendo assim, Araldi caracteriza a genealogia de Nietzsche como especulativa pois segundo ele o filósofo quer “favorecer seus propósitos prescritivistas”.

O ponto chave da obra é caracterizado pelas possibilidades que se abrem com o naturalismo de Nietzsche no que tange ao problema do niilismo. Pensando “a partir” do filósofo, sua genealogia, ao ser naturalizada, permitiria “suspender” o diagnóstico do niilismo. Apesar das críticas que Araldi tece em relação a muitos pontos da filosofia de Nietzsche, ele reforça também o caráter positivo e promissor das indicações genealógicas que o filósofo efetua. Realmente, se entendemos bem a argumentação do autor, ao tentar naturalizar sua genealogia, Nietzsche não aprofunda e nem segue o caminho que ele professa na *Genealogia da moral*. O próprio diagnóstico do niilismo não seria de alguma forma tendencioso, na medida em que o critério avaliativo possui bases lacunares? Em outras palavras, não seria difícil afirmar a possibilidade de manter esse diagnóstico no processo de naturalização da genealogia?

Em sua tese de doutorado, a qual deu origem a obra que citamos na introdução, Araldi enfatiza o titubear de Nietzsche em relação as suas soluções prospectivas ao problema aterrador do niilismo. Essa questão mais radical, como afirma o comentador, pode ser transposta para a nossa época,

o que ele afirma também no terceiro capítulo. Questionamos o que Araldi quer dizer com a suspensão do niilismo. As dificuldades apresentadas no terceiro capítulo parecem ser extremamente relevantes, porém o resultado da obra parece indicar que o diagnóstico do niilismo poderia ser o resultado de uma genealogia ainda não totalmente naturalizada. O texto é original e desafiador, tenciona as questões imanentes à filosofia de Nietzsche, buscando um comentário crítico e atual. Pensamos que o tema e a obra de Araldi podem fomentar o debate e que devemos esperar os próximos trabalhos, os quais aprofundarão ainda mais o tema.

Recebido: 15/01/2014

Received: 01/15/2014

Aprovado: 03/03/2014

Approved: 03/03/2014